



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

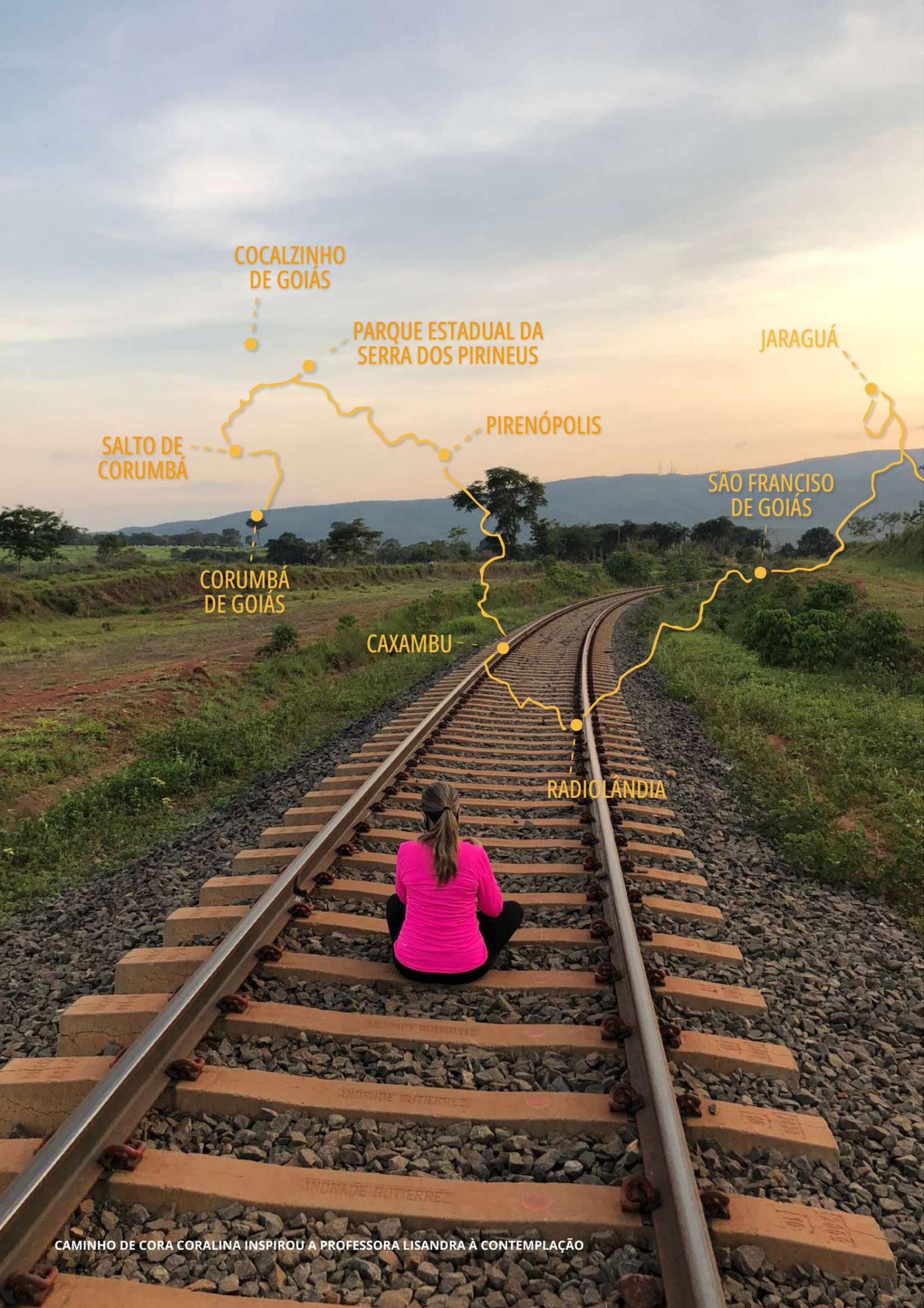
IFG
faz
CIÊNCIA

REPORTAGEM 5

O CAMINHO DE CORA CORALINA

MULHERES ANFITRIÃS TORNAM A HOSPITALIDADE GENUÍNA

PESQUISADORA DO IFG ESTUDOU O CAMINHO DE CORA CORALINA E O PERCORREU COMO PEREGRINA, PARA ATESTAR QUE A ÚNICA TRILHA POÉTICA DO MUNDO ENCANTA POR SUA SINGULARIDADE



Estar em meio à natureza, observando as belezas naturais, usufruindo dos encantos das águas e também buscando momentos de introspecção é o objetivo da maioria dos peregrinos não-religiosos, caminhantes ou ciclistas, que buscam as trilhas turísticas. O Caminho de Cora Coralina (CCC), de cerca de 300 km, oferece tudo isso e mais: a hospitalidade de mulheres que se tornaram anfitriãs e mantêm a tradição interiorana de receber bem quem chega à sua casa.

Essa foi a principal descoberta da professora Lisandra Lavoura Carvalho Passos, do Câmpus Goiânia, que escolheu o CCC como objeto de sua pesquisa de doutorado. “Eu queria

pesquisar sobre hospitalidade, e o Caminho de Cora Coralina me chamou a atenção pela atratividade: uma trilha nova, em Goiás, portanto, com o aspecto da interiorização, e, claro, a homenagem a uma mulher”, lembra.

A pesquisa, que incluiu estudos, entrevistas e também a imersão, como peregrina, na trilha turística resultou na tese “Rituais de hospitalidade no Caminho de Cora Coralina: protagonismos das anfitriãs de meios de hospedagem em povoados goianos”, defendida por Lisandra no programa de Doutorado em Hospitalidade, da Faculdade Anhembi-Morumbi, em 2023.

E foram muitas as descobertas: do próprio trajeto ao protagonismo das mulheres, passando pelas semelhanças com o Caminho de Santiago de Compostela e pelas dificuldades que ocorreram para a implantação da trilha turística.

DE BRAÇOS ABERTOS

“Descubro um trajeto inovador, dentro de Goiás e do Brasil, formado por pequenos povoados, perto de cidades históricas. E são nessas localidades que os relacionamentos de hospitalidade ocorrem”, conta.

No Caminho de Cora Coralina, afirma Lisandra, a hospitalidade é ofertada predominantemente por mulheres que, de donas de casa, passaram à condição de anfitriãs.

“Tenho clareza de que o mote da transformação é econômico, mas a hospitalidade que encontrei é muito genuína, o que é raro em hospitalidade”, assegura.

“Elas mantêm algo da tradição de receber; não perguntam quem é esse estranho que está de passagem”

Lisandra conta que uma das coisas que mais a impressionou foi o fato de essas mulheres anfitriãs receberem peregrinos de todas as partes, como se fossem amigos.

“Elas mantêm algo da tradição de receber; não perguntam quem é esse estranho que está de passagem. Quem chega é recebido de braços abertos. Uma delas até mesmo mantém um quarto disponível para quem não pode pagar”, admira-se.



Cira G. Mendonça,
de Radiolândia - GO



Cleusenir A. F. Pontieri,
de Caxambu - GO



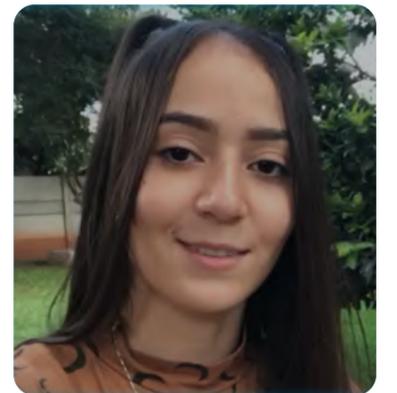
Divina M. S. Barbosa, a Dona
Bilu de Alvelândia - GO



Luciana M. V. S. Alves,
de Palestina - GO



Lindalva M. O. Totoli,
de São Benedito - GO



Francielly Carvalho,
de Calcilândia - GO



Professora Lisandra no Caminho de Cora Coralina

TRAJETÓRIAS DIFERENTES E UM JEITO SEMELHANTE DE CATIVAR

As mulheres protagonistas da hospitalidade no Caminho de Cora Coralina viviam anteriormente como donas de casa. Elas não sabiam nada de hospitalidade nem de administração de um negócio, mas aceitaram o desafio de se tornarem anfitriãs.

A professora e pesquisadora do Câmpus Goiânia do IFG, Lisandra Lavoura, entrevistou seis delas e descobriu que cada uma teve uma trajetória diferente, mas tem características comuns. Uma das caracterís-

ticas comuns a todas elas é a coragem. “São mulheres que decidiram se arriscar; são mulheres corajosas”, afirma.

Outra característica comum é a maneira cativante de acolher o peregrino, o que é determinante para a hospitalidade genuína identificada pela pesquisadora do IFG. Na Estância Carvalho, localizada no município de Itaberaí, por exemplo, os próprios hóspedes ficavam com a chave e podiam entrar e sair livremente, porque nem sempre a proprietária estava presente.

MUDANÇA

As mulheres anfitriãs foram estimuladas a entrar para a atividade turística pela Agência Estadual de Turismo (Goiás Turismo), autarquia do governo estadual, durante a construção do Caminho de Cora Coralina. Era preciso garantir as condições de hospitalidade ao caminhante e a primeira opção foi buscar pessoas que viviam no percurso.

Cada uma delas teve uma trajetória diferente para se tornar anfitriã. Cleusenir Alves de Freitas Pontieri, por exemplo, inicialmente adaptou e ampliou a casa da fazenda em que morava para oferecer hospedagem e alimentação aos peregrinos do CCC, no povoado de Caxambu, município de Pirenópolis.

“Eu já tinha pesquisado sobre caminhos, então eu sei que a tendência é só crescer”

Por conta da partilha de herança, Cleusenir teve de se mudar para outra fazenda, no mesmo povoado. O problema é que a nova casa não está no percurso original do CCC, exigindo que os caminhantes andem cerca de um quilômetro a mais, para contornar o rio que passa na fazenda. A melhor solução, entretanto, seria a construção de uma ponte sobre o rio, por parte do governo do Estado.

Cleusenir, no entanto, não pensa em desistir; ao contrário, faz planos. Ela está tendo apoio da Associação do Caminho de Cora Coralina para manter a oferta de hospedagem e alimentação aos caminhantes. E, depois de construir um fogão a lenha, sonha em construir mais quartos para os hóspedes.



Casa da Fazenda Caxambu

FINANCIAMENTO

Já Cirene Gomes Mendonça, mais conhecida como Cira, decidiu construir uma pousada quando voltou a morar no povoado de Radiolândia, em 2019, depois de uma temporada na Bélgica. “Eu já tinha pesquisado sobre caminhos, então eu sei que a tendência é só crescer”, contou à Lisandra.

Radiolândia está a cerca de 40 km do município de Pirenópolis, uma das principais atrações turísticas do estado de Goiás. Decidida a apostar no crescimento do Caminho de Cora Coralina, Cira comprou da mãe a antiga casa da família e chegou a cogitar uma reforma. Mas o marido dela, que é arquiteto, achou melhor uma nova construção. Cira criou coragem e fez um financiamento, dando origem à Pousada Jardim das Flores.

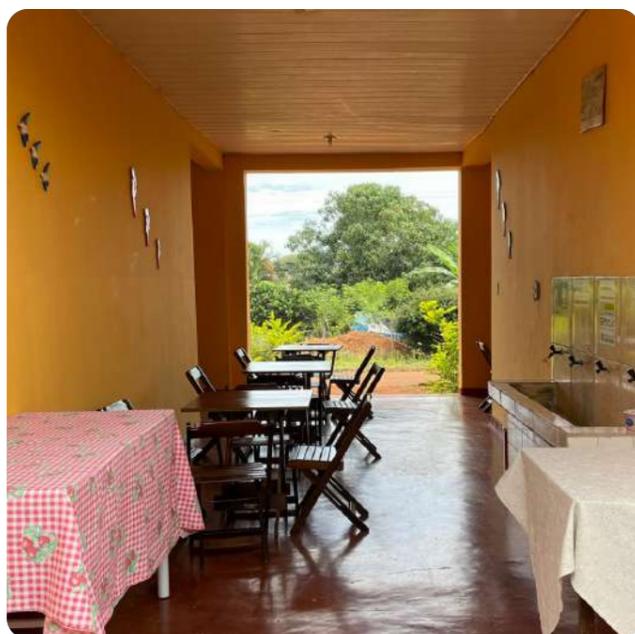


PARA FAZER O CAMINHO A PÉ, ESTIMA-SE 14 DIAS

ESCOLA

No povoado de Palestina (município de Jaraguá), uma antiga escola desativada transformou-se no meio de hospedagem de referência: o hostel Vovó Catarina. As amigas Luciana Mateus Veloso Souza Alves e Karinna Carneiro de Siqueira Paula estudaram na escola e se lembraram dela, quando souberam que o Caminho de Cora Coralina iria passar pelo povoado e cogitaram oferecer um meio de hospedagem.

Karinna e Luciana conseguiram a concessão da escola por 20 anos. A condição estabelecida foi de que também ofertassem no local atividades de educação, como artesanato, informática, letramento digital para celular e costura. Condição aceita, Karinna, que mora em Goiânia, entrou com os recursos para a reforma da escola e os demais investimentos necessários; e Luciana, que sempre morou no povoado, ficou responsável por gerenciar o hostel.



Área comum do Hostel Vovó Catarina

PASSAPORTE

A 4 km do povoado de Palestina, no povoado de Alvelândia, a casa de Divina Mariana de Souza Barbosa, conhecida como dona

Bilu, é ponto de parada obrigatório para os caminhantes. É dona Bilu a encarregada do carimbo do passaporte do CCC.

Ela também oferece hospedagem, mas para poucos, já que a casa é ocupada pela família. Sua vizinha, Maria Aparecida Rodrigues da Silva, oferece pouso e alimentação aos caminhantes. Mas sua casa não está nas indicações oficiais da Associação do Caminho de Cora Coralina.

AGENDAMENTO

No povoado de São Benedito, município de Itaberaí, a anfitriã do Caminho de Cora Coralina é Lindalva de Moura Oliveira Totoli.

O Pouso da Linda está localizado em uma rua paralela à rodovia GO-156 e foi uma adaptação de sua casa. Os quartos foram construídos separadamente, e o principal espaço de permanência e convivência é a varanda, local das refeições e da conversa.

O último meio de hospedagem antes de o peregrino chegar à cidade de Goiás é a Estância Carvalho, de propriedade da jovem Francielly Carvalho. A estância fica no povoado de Calcilândia e foi residência da família de Francielly por 20 anos, até a mudança para a cidade de Itaberaí.

Inicialmente, a família pensou em transformá-la num espaço para eventos e chegaram a reformar a casa, os quartos com suítes e toda a área de convivência, com piscina, churrasqueira, cozinha, playground e jardim. O movimento dos caminhantes pelo local provocou a mudança.

A denominação de estância foi escolhida para diferenciar o local de uma pousada ou de um hotel. Francielly não queria o compromisso de manter o atendimento 24 horas. Os hóspedes devem agendar sua chegada e eles ficam com a chave, podendo entrar e sair livremente de seus quartos. Se precisam de apoio, podem chamar Francielly ou a vizinha, dona Maria Aparecida de Oliveira, que é responsável pela limpeza, preparação do café da manhã e do jantar.

UM CAMINHO REGADO A POESIA

O Caminho de Cora Coralina é uma trilha de longo curso com belas paisagens do cerrado, rios e cachoeiras, cidades e povoados históricos, gente hospitaleira e um diferencial inédito: é a única trilha turística poética do mundo. A poetisa Cora Coralina é a homenageada, mas é ela quem presenteia os peregrinos com suas poesias, que estão presentes em toda a trilha.

São 300 km divididos em 13 trechos que, normalmente são percorridos a pé ou de bicicleta, mas há quem se aventure em

cima de um cavalo. Para fazer o caminho a pé, estima-se 14 dias e, de bicicleta, três. O bom cavaleiro, em um bom cavalo, pode fazer o percurso em seis dias.

O CCC começa no município de Corumbá de Goiás, cruza as cidades de Cocalzinho de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Itaguari e Itaberaí, para terminar na cidade de Goiás. Os peregrinos também devem passar pelos povoados de Caxambu, Radiolândia, Vila Aparecida, Alvelândia, Palestina, São Benedito e Calcilândia e pelo distrito de Ferreiro.



Primeira placa poética do Caminho de Cora Coralina

MOTIVAÇÃO

A professora e pesquisadora do IFG, Lisandra Lavoura, lembra em sua tese de doutorado que a poetisa goiana Cora Coralina, nascida Anna Lins, na cidade de Goiás, em 1889, teve reconhecimento nacional e que sua obra e trajetória têm transposto o tempo e gerações.

Para ela, a homenagem com o nome da trilha possibilita “fazer uma comparação com a coragem da mulher que rompeu limites fazendo seu próprio caminho, em tempos tão árduos e hostis”.

As poesias de Cora Coralina estão espalhadas por todo o caminho. A cada 5 km, o peregrino encontra uma delas e, segundo Lisandra, as escolhas não foram aleatórias. A curadoria foi de Marlene Gomes Vellasco, conhecida como Marleninha, que é a diretora do Museu Casa de Cora Coralina, localizado na casa da ponte, cidade de Goiás.

“As poesias foram escolhidas de acordo com os trechos do caminho. Quando o caminhante chega no Morro dos Pireneus, por exemplo, a poesia para é para motivá-lo a continuar, porque o trecho é muito difícil”, conta Lisandra. O Morro dos Pireneus está localizado no Parque Estadual dos Pireneus e tem cerca de 1.350 metros de altitude.



ETAPAS INSPIRADAS NO CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O Caminho de Cora Coralina foi pesquisado e percorrido pela professora Lisandra Lavoura tendo como modelo e inspiração o Caminho de Santiago de Compostela, que deixou de ser único há tempos. Mas todos levam à majestosa catedral que lhes deu o nome que, por sua vez, recebeu o nome da cidade em que está situada, a capital da Galícia, região da Espanha.

Lisandra comparou os dois caminhos em aspectos objetivos e subjetivos. Segundo concluiu em sua tese de doutorado, em ambos há “uma multiplicidade de sentidos junto à natureza, à prática de esportes, ao contato com a cultura, à superação física, à fuga do urbano e ao encontro consigo mesmo em um turismo-peregrinação não religioso”.

Ela referiu-se ao caminho chamado “francês”, que foi o primeiro a ser declarado patrimônio mundial pela Unesco e o primeiro a ser declarado itinerário cultural europeu. “Atualmente, existem nove caminhos de Santiago de Compostela e há pedidos para o reconhecimento de outros 16”, informa.

No Caminho de Cora Coralina, Lisandra identificou três etapas a serem vivenciadas pelo peregrino, alinhadas às etapas do Caminho de Santiago de Compostela: esforço físico, contemplação e introspecção.

O primeiro trecho, do Portal em Corumbá de Goiás até Caxambu, foi classificado por ela como a etapa do esforço

físico. Isso porque o peregrino tem de atravessar a Serra dos Pireneus e a Serra de Caxambu em um terreno íngreme e de difícil acesso.

“Na etapa final, há um despertar de outros sentimentos que não estavam presentes até então”

O segundo trecho, de Caxambu até Itaguari, é a etapa do esforço mental. Primeiramente, o peregrino vê/percorre a vegetação cerradeira, com sua pluralidade de formas e cores e, em seguida, se depara com a monocultura do milho e sorgo. Segundo Lisandra, essa mudança drástica da paisagem exige um esforço mental de adaptação e superação.

O terceiro trecho, de Itaguari até a cidade de Goiás, é, para ela, a etapa da introspecção, relacionada à reflexão, ao desapego e à chegada na Casa Museu de Cora Coralina. “Nessa etapa final, há um despertar de outros sentimentos que não estavam presentes até então”, diz.

O Caminho de Santiago de Compostela tem sido referência para a concepção de novos caminhos turísticos no Brasil e no mundo.



Professora Lisandra em frente a Catedral de Santiago de Compostela com uma bandeira do Caminho de Cora Coralina

HAVIA PEDRAS NO CAMINHO E AINDA HÁ

O Caminho de Cora Coralina foi inaugurado como rota turística no ano de 2018. Sua concepção, entretanto, começou no final da década de 1990, com análises e projetos de criação de rotas turísticas no estado de Goiás. Entre os estudos, havia os que foram feitos pelo engenheiro gaúcho Bismarque Villa Real, um apaixonado pela história de Goiás, junto com o historiador goiano Paulo Bertran.

Em 2013, depois do trabalho de uma equipe multidisciplinar contratada pelo governo do estado, da qual Bismarque fazia parte, foi apresentado o Plano Conceitual do CCC. O hiato entre projeto e implementação despertou o interesse da professora Lisandra Lavoura, que foi buscar em documentos e depoimentos a história do CCC, da concepção à inauguração.

Lisandra descobriu que o Plano Conceitual do CCC dormiu em gavetas por alguns anos, principalmente em razão da troca de gestores no governo estadual. Os gestores que haviam encampado a proposta e tomado providências para sua implementação foram substituídos e, o projeto, engavetado.

Em 2014, uma licitação em caráter emergencial possibilitou a confecção e a instalação de 300 placas de sinalização na trilha. Mas de 2015 a 2017, afirma Lisandra, nada foi feito para a efetiva implementação do caminho.



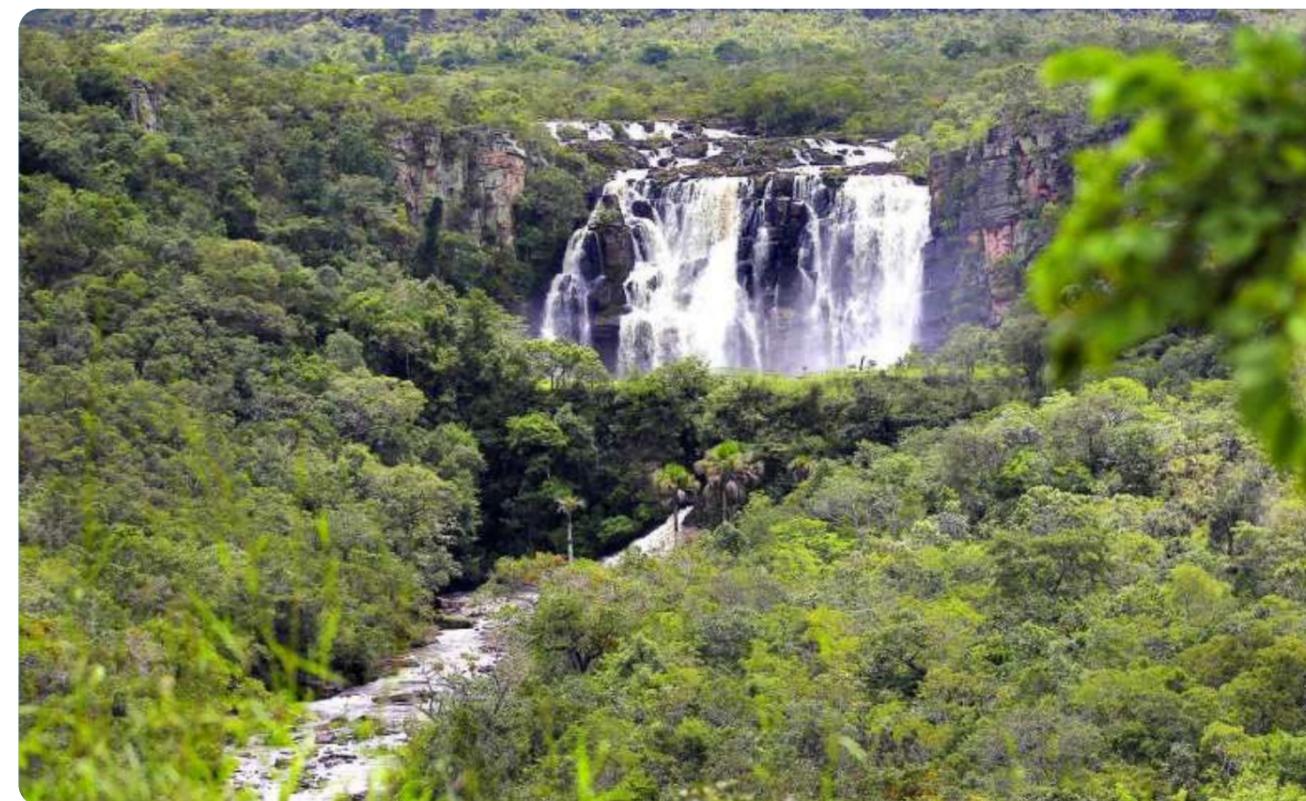
Marca de Trilha do Caminho

Segundo ela, a persistência de Bismarque Villa Real foi fundamental para que o projeto saísse da gaveta. Ele mudou-se para Pirenópolis e de lá passou a receber grupos interessados em conhecer trajetos do caminho a pé ou de bicicleta. Também continuava a tentar convencer autoridades estaduais a investir no projeto.

RESISTÊNCIA

Lisandra conta que Bismarque Villa Real acabou se aproximando de outra pessoa-chave para a concretização do caminho: João Lino Bittencourt, turismólogo paulista, que, em 2017, ocupava uma das gerências da Goiás Turismo. João Lino se debruçou sobre o Plano Conceitual elaborado em 2013, mas concluiu que sua implementação seria cara demais, incompatível com o orçamento da Goiás Turismo.

Uma nova proposta, baseada no esforço coletivo, por meio da integração das ações do governo estadual e dos moradores das cidades e povoados de todo o caminho, foi elaborada e passou-se à execução.



Vista da trilha no trecho de Cocalzinho

Em entrevista à Lisandra, João Lino afirmou: “Fomos para o campo [...] andamos demais, falando com os proprietários, [para] criar um arcabouço institucional, site, gerar conteúdo, promoção estratégica nacional, [além de] ir para feiras, ir para mercado. O projeto foi bem alterado, usamos o nome, o conteúdo e a expertise do Bismarque e as construções e projetos arquitetônicos foram abandonadas. Tocamos o projeto no peito e na raça, [a fim de] quebrar um pouco os paradigmas, porque teve resistência no território por conta de Cora Coralina”.

A resistência ao nome de Cora Coralina para a trilha, conforme relatou João Lino, era de moradores de Corumbá e de Pirenópolis, que sugeriam o nome do escritor Bernardo Élis como o mais adequado. Mas prevaleceu a homenagem à poetisa. “Cora por ser mulher, por sua luta, essa garra, essa resistência, ela representa o que há de mais sublime na cultura goiana, na história da ruralidade, da doceira, naquela que foi buscar e voltou atrás de suas raízes, resistindo a tudo e a todos, enfrentou, é uma desbravadora”, argumentou João Lino, durante a entrevista.

DIVULGAÇÃO

Depois de seis anos, o Caminho de Cora Coralina está consolidado, mas ainda existem desafios a serem enfrentados. Um deles, segundo Lisandra, é a falta de divulgação.

O CCC é desconhecido da maioria dos brasileiros, até mesmo dos apaixonados por percorrer trilhas a pé ou de bicicleta.

Ela afirma que também faltam incentivos por parte do governo estadual para os que já empreenderam e para que haja novos empreendimentos na trilha

“O caminho não é descuidado, mas principalmente porque a Associação Caminho de Cora Coralina é muito atuante”, diz.

Outro problema citado por Lisandra é a sazonalidade. Ela lembra que no período chuvoso não é recomendado percorrer o caminho e que isso afeta diretamente a receita dos meios de hospedagem. “As mulheres anfitriãs sofrem dificuldades”, comenta.



Professora Lisandra entrevista Dona Bilu em Alvelândia

CONCEITOS, REFERENCIAIS TEÓRICOS E O MÉTODO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Para sua tese de doutorado, a professora Lisandra Lavoura escolheu a etnografia como método de coleta de dados. Utilizada principalmente na Antropologia, ela pode, resumida e simplificada, ser descrita como o estudo da cultura e do comportamento de determinado grupo social, desenvolvido por meio do contato intersubjetivo entre o pesquisador e os indivíduos do grupo social.

Mas Lisandra precisou também aprofundar-se na pesquisa teórica, paralelamente à pesquisa de campo. Para isso, foi buscar os conceitos utilizados comumente no turismo e como eles são tratados por diversos autores.

Ela descobriu que conceitos como roteiro, rota e trilha são, muitas vezes, tratados igualmente, mas que há características e tipologias que podem perfeitamente ser aplicadas.

Por isso, ela concluiu que o Caminho de Cora Coralina “é uma combinação de três tipos de rotas – cultural, ecoturística e de turismo esportivo –, sendo caracterizado também como uma trilha de longo curso, por seus quase 300 km de extensão”.

Lisandra também estudou os rituais de hospitalidade, conforme descrições de mais de um autor, e como esses rituais estão presentes no Caminho de Cora Coralina.

Após o contato com as mulheres anfitriãs, ela apresenta os rituais de hospitalidade em três etapas: iniciação, acolhimento e estreitamento de vínculos.

Na etapa da iniciação, encontram-se dois rituais: o do limiar, como o lugar precursor da descoberta, e o ritual do receber, uma abertura ao outro, mas que ainda não se deu por inteiro.

Então, inicia-se a etapa do acolhimento, que inclui os rituais do hospedar (com o estabelecimento das regras de convivência), presentear, alimentar, entreter e despedir. “[...] A linguagem e as normas sociais utilizadas durante esses rituais podem refletir essa fronteira simbólica, indicando uma transformação no relacionamento que, a princípio, eram de pessoas estranhas e modificaram esse status ao de hóspede acolhido”, analisa Lisandra.

E, por último, ela identificou a etapa do estreitamento de vínculos, que curiosamente dá-se após a despedida, pelo ritual da manutenção de vínculos, com ações relativamente simples, como seguir com os hóspedes por um trecho do caminho ou a comunicação posterior, para saber como foi o restante do percurso.

“Essa demonstração de ações vínculos, que transpõe a etapa do acolhimento das anfitriãs, após a prestação de serviços em seus empreendimentos, é facilitada pelos meios virtuais no âmbito do ciberespaço, em um ambiente para interagir, manifestar-se e relacionar-se.

Surge, então, um novo rito de passagem da terceira fronteira desterritorializada da hospitalidade, que pode resultar na renovação de laços sociais entre ex-anfitriã e ex-hóspede”, afirma Lisandra.

© 2024 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.



Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPPG
Diretoria de Comunicação Social - Dicom

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América
Goiânia/GO | CEP 74270-040

(62) 3612-2210

ccs@ifg.edu.br

PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

IFG faz
CIÊNCIA

**CHAMADA PÚBLICA - PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA - IFG FAZ CIÊNCIA**
EDITAL n° 32/2022-PROPPG, de 27 de setembro de 2022.

FICHA TÉCNICA DA REPORTAGEM 5:

"O CAMINHO DE CORA CORALINA"

Texto e Revisão

MARIA JOSÉ BRAGA

Jornalista (Dicom)

Projeto Gráfico

ISABELA MAIA MARINHO

Técnicóloga em Design Gráfico (Dicom)

Capa e Diagramação

ISABELA MAIA MARINHO

Técnicóloga em Design Gráfico (Dicom)

Revisão

ADRIANA SOUZA CAMPOS - Jornalista (Dicom)

PAOLA NUNES DE SOUZA - Redatora (Dicom)